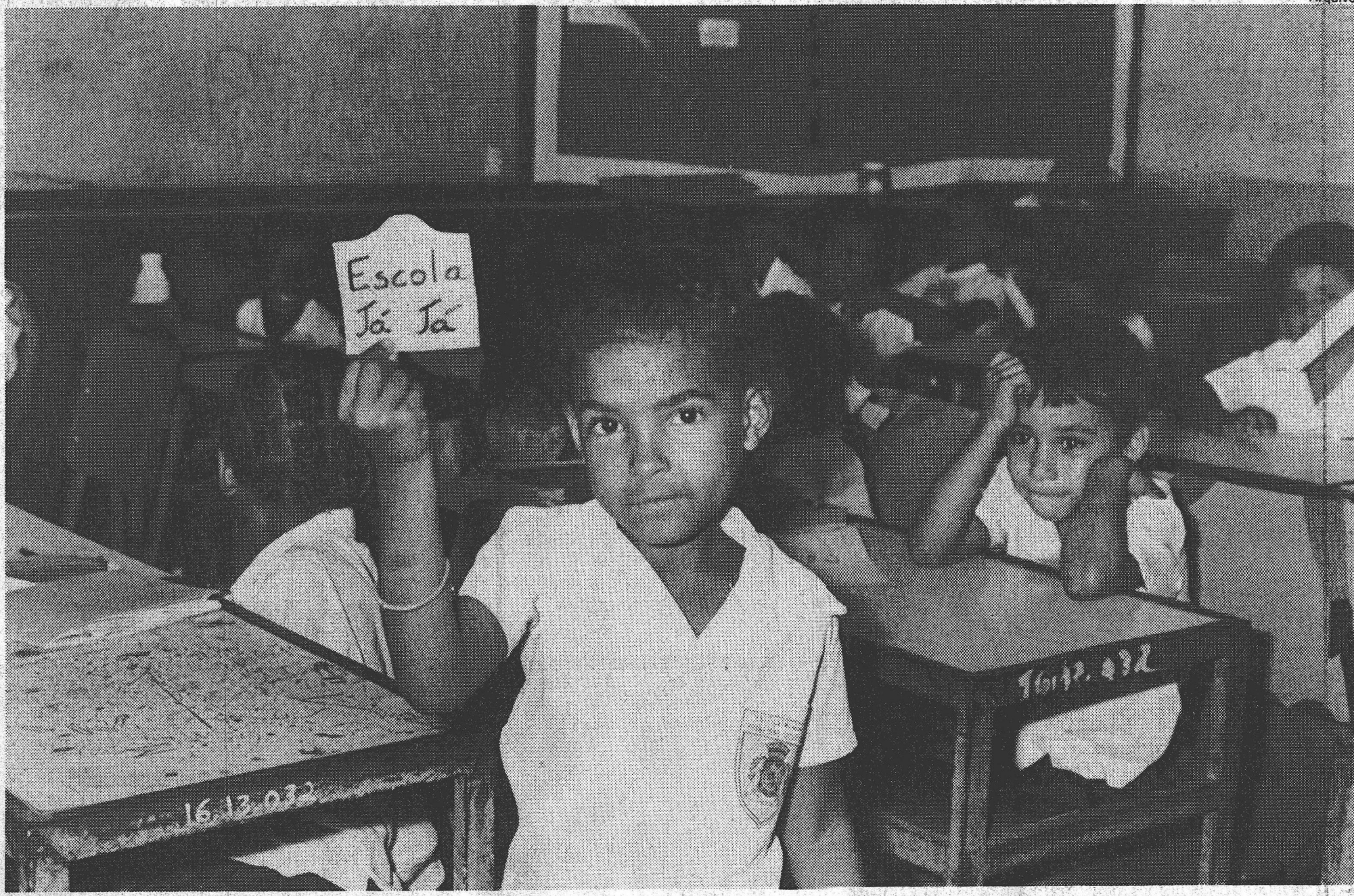


Seu governo privilegiará o aumento do número de salas de aula ou a qualidade do ensino?

O que o senhor acha das greves dos professores?

Entre aumentar o número de escolas, beneficiando principalmente as construtoras, e melhorar a qualidade de ensino, não há dúvida: a educação tem prioridade. Esta opinião é praticamente uniforme entre os seis principais candidatos à Presidência da República, a quem o JORNAL DO BRASIL perguntou se privilegiaria o aumento das salas de aula ou a qualidade de ensino. Eles preferem gastar com a formação de professores, qualificando-os para formar os futuros cidadãos, a erguer paredes e prédios suntuosos. Até mesmo o inventor dos Cieps, Leonel Brizola, já admite reformular o projeto, desde que continue com a filosofia básica: dar ensino, comida e atendimento. Já Lula acha que se pode ensinar em qualquer espaço disponível: sindicatos, igrejas, clubes. Enéas concorda em gênero, número e grau. A proposta, de certa forma, completa a idéia de Fernando Henrique, de deixar a educação nas mãos dos municípios. Quase a mesma coisa que Orestes Quêrcia propõe e que Esperidião Amin lembra ser prescrita pela Constituição. Mas se o ensino une, a greve do magistério só divide. Os seis lembram que se trata de um direito constitucional, mas FHC menciona o grevismo inconseqüente e se propõe ao diálogo aberto; Lula acha que basta ganhar a eleição para que elas acabem como num passe de mágica. Brizola condena o corporativismo, mas admite repensar a questão. Quêrcia acredita que pagando melhores salários conseguirá abrir um canal efetivo de entendimento em busca de uma solução. O professor Amin afirma, categórico, que "a greve do professor é a mais triste" de todas, porque penaliza pais, alunos e mestres. A valorização do trabalho, segundo Enéas, é suficiente para que acabe o grevismo.



Luiz Inácio Lula da Silva PT-PSB-PPS-PC do B-PCB-PST-U

“O aumento da oferta de educação exigirá a construção de mais salas”

A prioridade será para a melhoria das condições do ensino, ainda que tenhamos claro que, com um aumento considerável da oferta de educação, haverá necessidade de construir salas de aula. A idéia é esgotar as possibilidades atualmente existentes, inclusive usar espaços disponíveis em sindicatos, igrejas, clubes e outros locais.

Simultaneamente, cuidaremos da qualificação dos professores e da elevação de seus salários.

Com esse tipo de alternativa que apresentamos para a educação, estamos convencidos de que as greves de professores vão diminuir ou serão neutralizadas. Greve, porém, é um direito. O que tem sido argumentado contra as greves nos setores da saúde e da educação é que se tratam de setores essenciais.

Podem ser essenciais, mas esse argumento é falacioso. Se educação é setor essencial, por que não tem merecido mais atenção do governo?

Acreditamos que a greve pode ser tratada de forma civilizada, como ocorre nos países europeus, através, por exemplo, de uma autoregulação negociada com os professores.

Fernando Henrique Cardoso PSDB-PFL-PTB

“É fundamental levar adiante a descentralização do sistema de ensino”

A prioridade será a qualidade de ensino. Hoje, exceto na Região Nordeste e nas zonas rurais, a falta de vagas no ensino básico não chega a ser um problema grave. O grande problema é a repetência, fruto da má qualidade de ensino, que acaba afastando as crianças da escola.

A chave para a melhoria da qualidade é um gerenciamento mais eficaz do sistema de ensino. O Brasil gasta US\$ 350 anuais por aluno. Não é muito, mas também não é tão pouco. Daria para o ensino não ser tão ruim e os salários dos professores não serem tão baixos. Acontece que, de cada CR\$ 100 gastos na educação, somente 50 chegam, efetivamente, às salas de aula. Os outros 50 se perdem na burocracia, nos ralos e no desperdício. Assim, falta mesmo dinheiro para os salários dos educadores, o material didático e a manutenção das escolas.

O lema de meu governo na educação será: menos burocracia e mais qualidade e satisfação na sala de aula. Para isso é fundamental levar adiante a descentralização do sistema de ensino. A União não

deve se meter a construir escolas e distribuir merenda escolar a partir de Brasília. Os municípios fazem isso melhor e mais barato. Os investimentos da União no ensino básico estarão voltados para a formação e a reciclagem de professores.

Hoje, o que temos, de um lado, é o grevismo muitas vezes inconseqüente. Do outro, a insensibilidade dos governos que preferem o uso da polícia ao diálogo. E todos perdem com isso.

Magistério não é sacerdócio para que se leve uma vida de privações. O professor tem a dignidade de qualquer outro trabalhador e o mesmo direito à felicidade. Acredito até que ele aceite sacrifícios ou o atendimento parcial das reivindicações, desde que haja um empenho efetivo e visível dos governantes na melhoria das condições de ensino. Acontece que a insensibilidade dos governos fez a alegria das empreiteiras com a construção de escolas e esqueceu tudo o mais. Os resultados estão aí: professores e alunos desmotivados, escolas sem material didático, sem merenda e sem manutenção.

Minha receita básica para mudar esse quadro vai ser a mesma que Mário Covas usou como prefeito de São Paulo: prioridade efetiva para a educação e diálogo aberto com os professores. Na gestão de Covas, entre 1983 e 1985, a cidade de São Paulo não teve nenhuma greve de professores da rede municipal.

Leonel Brizola PDT

“Quero uma escola digna, coerente, não um galpão ou um espaço nas igrejas”

Ambas. Vou melhorar o salário dos professores e aumentar amplamente o número de salas de aula, mas dentro de outra concepção, a da escola integrada. Quero uma escola digna, coerente, não um galpão ou um espaço nas igrejas, como quer o Lula. Duvido que o Lula bote os filhos e os netos dele em uma

escola desse tipo. Quero centros integrados, onde as crianças comam e tenham o atendimento necessário. Não precisa necessariamente prédios como os Cieps. A arquitetura dos Cieps é uma concepção do Rio de Janeiro. O Rio é o Rio, precisa de um prédio bonito, do Niemeyer.

Aqui no Rio, pelo menos, foram destrutivas. Obra da CUT e do PT. Acabaram falando sozinhos. Aqui, culminou em uma situação em que não conseguem fazer mais greves. Nosso partido amadurece a questão da greve nos serviços públicos. Já teve uma posição mais firme, mas, diante do corporativismo e das greves destrutivas do PT e da CUT, achamos que precisamos repensar mais a fundo esta questão. Mas jamais concordariamos em que o funcionalismo não ficasse com um mecanismo reivindicatório. Mesmo os trabalhadores de empresas privadas, fazendo serviços essenciais, devem ter mecanismos democráticos para sua defesa. Senão, acabariam sendo vítimas da exploração.

Orestes Quêrcia

PMDB

“O enfoque principal será a melhoria da qualidade do ensino”

A melhoria do nível de ensino, pois estudos revelam que já há vagas para 95% dos alunos que procuram as escolas públicas no país. Quando governei São Paulo, por exemplo, já havia suprido o atendimento à demanda de matrículas no estado, com a construção de nove mil salas de aula.

A exemplo do que fiz em São Paulo, pretendo municipalizar o ensino, repassando recursos e atribuições às prefeituras. O enfoque principal será a melhoria da qualidade, para o que também é fundamental uma merenda escolar nutritiva e saudável.

Essa questão deve ser analisada sem demagogia. O problema tem duas faces

distintas. De um lado, a realidade dos baixos salários do magistério, que deverão merecer a atenção de meu governo. Quando terminei a minha gestão como governador de São Paulo, deixei o salário dos professores com regime de trabalho de 20 horas no patamar de 5,4 salários mínimos. Por outro lado — e esta é a segunda face da questão — não se pode confundir direito de greve com grevista político-eleitoral.

Ao se colocar como massa de manobra de partidos políticos, uma parcela do magistério acaba suscitando suspeitas sobre os verdadeiros motivos de sua mobilização e se caracterizando pela prática do corporativismo voltado a promessas falsas de campanha.

Mas em meu governo vamos abrir um canal efetivo de entendimento com os professores, buscando conjuntamente uma solução para o problema dos salários. Isso passa naturalmente por um compromisso da categoria com a melhoria da qualidade do ensino.

Esperidião Amin

PPR

“A greve do professor, mesmo legítima, é a mais triste das greves”

O Brasil precisa, acima de tudo, melhorar o nível do ensino e, mais, ampliar o número de incluídos no sistema nacional de ensino.

Para isto é preciso transformar o Plano Nacional de Educação, previsto no Artigo 214 da Constituição Federal, num pacto federativo, amplo, detalhado a nível de responsabilidades e a nível de punição para os administradores públicos que não cumpram o dispositivo constitucional estabelecido no Artigo 212, que determina o mínimo de aplicações em ensino.

Só com esse pacto, que pressupõe uma lei de diretrizes básicas amparada pela fixação de responsabilidades nos níveis da federação, se poderá pensar em, efeti-

vamente, ampliar e melhorar o atendimento às necessidades do ensino.

Sou professor há 26 anos e creio que a greve do professor, ainda que seja um instrumento legítimo, do ponto de vista da luta do trabalhador, é a mais triste de todas as formas de greve, porque penaliza o aluno, sua família e o próprio professor, que, via de regra, não exerce apenas uma profissão. Exerce uma missão.

Eneas Ferreira Carneiro

Pronta

“A educação básica é o dado mais importante na reedificação nacional”

Mais importante do que o prédio de concreto armado é a qualidade daquilo que é ministrado na sala de aula. Educar é criar valores, é estabelecer normas de conduta. É mais do que instruir, mais do que informar. Educar é formar o cidadão. O processo educacional pressupõe um educador preparado adequadamente para essa função. Logo, há que se reciclar os atuais professores, já que existe uma indiscutível carência na sua formação. Para essa reciclagem terá que atuar o Estado, custeando aos professores as viagens e a estada nos centros onde a reciclagem deva ocorrer. Bem remunerados e estimulados por um chamado forte, os professores voltarão a ser respeitados e readquirirão a posição de prestígio na sociedade que já ocuparam no passado.

É na infância que se plasma a personalidade do adulto e é a educação básica o dado mais importante na reedificação da ordem nacional. Se o número de salas de aula for insuficiente, qualquer lugar pode servir para ser uma escola. Isto passará a ser absolutamente irrelevante, diante de um grande projeto nacional que irá ser desenvolvido em todo o país.

O verbo achar pressupõe uma falta de convicção de quem se pronuncia acerca de um tema que deve ser do seu interesse específico. A greve é um direito consagrado na Constituição, direito inalienável de qualquer trabalhador, entendendo-se por trabalhadores não apenas os operários, mas quaisquer cidadãos que trabalhem, sejam médicos, engenheiros, advogados, professores, arquitetos, cozinheiros, motoristas, etc, etc, etc. No entanto, existem algumas atividades cuja paralisação traz efeitos altamente deletérios para toda a sociedade. Tal é o caso, por exemplo, das greves dos médicos e dos professores. Diante de um governo que valorize o trabalho, fazendo com que quem trabalha possa ter uma vida digna, desaparecerão as razões hoje apontadas para as greves dos professores, que levam a danos muita vez irreparáveis, como a perda do interesse dos estudantes pela atividade escolar, com o conseqüente aumento da evasão das salas de aula.

Repetência, o maior inimigo do ensino

ELIANE BRANDANACHVILI

O problema maior da educação brasileira não está na evasão escolar ou na falta de vagas para os alunos, “mitos antigos e equivocados”, na opinião do pesquisador do CNPq Sérgio Costa Ribeiro, especialista em levantamentos sobre educação. Ele destaca a repetência, decorrente da incapacidade da escola de



promover os alunos ao final do curso, como o grande inimigo do ensino.

“Não se pode desconhecer a realidade sociológica da educação no Brasil. Não existe evasão escolar ou alunos fora da escola. Muito menos, falta de interesse dos pais em matricular seus filhos. Existem alunos que não conseguem sair da escola porque repetem de ano. As crianças são matriculadas na escola, sem que seja oferecer qualquer coisa em troca aos pais. O problema é que a escola é ruim”.

Pesquisas realizadas por Costa Ribeiro mostram que apenas 40% das crianças brasileiras concluem o 1º grau, mesmo assim, após ficarem em média 12 anos na escola. Além disso, 90% das novas vagas criadas com a construção de prédios escolares na década de 80 são preenchidas com alunos repetentes.

“O Brasil constrói prédio para abrigar repetentes, em vez de criar formas de promover os alunos. Isso é andar para trás. O bom ensino pode ser dado até debaixo de uma árvore.”